

Do clericalismo à sinodalidade: modelos antagônicos no pontificado de Francisco

Del clericalismo a la sinodalidad: modelos antagônicos en el pontificado de Francisco

From clericalism to synodality: antagonistic models in the pontificate of Francis

Rafael Lopez Villasenor¹

Resumo: Este ensaio se propõe a aprofundar o legado da Igreja em saída, sinodal, de portas abertas, do saudoso Papa Francisco, diante do antagonismo clerical, compreendido como um entrave à realização de uma Igreja sinodal e missionária, usando um levantamento bibliográfico. Seu magistério aponta para uma renovação eclesial que integra missão e sinodalidade, abrindo novos horizontes teológicos e pastorais fundamentados na proximidade, na inclusão e na esperança. Contudo, o clericalismo configura-se como um dos principais desafios e obstáculos à proposta da Igreja sinodal em saída. Não se trata de um problema individual, mas de natureza estrutural, cultural e eclesial, enraizado em uma compreensão distorcida da autoridade e sacralidade, que afeta a vivência da sinodalidade e da missão, ameaçando as reformas eclesiais promovidas por Francisco.

Palavras-Chave: Francisco; Igreja em Saída; Sinodalidade; Clericalismo.

Resumen: Este ensayo se propone profundizar el legado de la Iglesia en salida, sinodal de puertas abiertas, del Papa Francisco, de feliz memoria, frente al antagonismo del clericalismo, entendido como un obstáculo para la realización de una Iglesia sinodal y misionera, usando un levantamiento bibliográfico. Su magisterio apunta para una renovación eclesial que integra misión y sinodalidad, abriendo nuevos horizontes teológicos y pastorales basados en la cercanía, la inclusión y la esperanza. Sin embargo, el clericalismo es uno de los principales desafíos y obstáculos para la propuesta de la Iglesia sinodal en salida. No es un problema individual, sino de naturaleza estructural, cultural y eclesial, arraigado en una comprensión distorsionada de la autoridad y sacralidad, que afecta la experiencia de la sinodalidad y la misión, al amenazar las reformas eclesiales promovidas por Francisco.

Palabras clave: Francisco; Iglesia en salida; Sinodalidad; Clericalismo.

Abstract: This essay proposes to deepen the legacy of the outgoing, synodal Church with open doors, of the late Pope Francis, in the face of the antagonism of clericalism, unders-



¹ Doutor em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia e Mestrado em Ciências da Religião pela PUC-SP. Diretor da Revista Missão e Culturas. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2632-1842>

tood as an obstacle to the realization of a synodal and missionary Church, by means of a bibliographic survey. His magisterium points to an ecclesial renewal that integrates mission and synodality, opening new theological and pastoral horizons based on closeness, inclusion and hope. However, clericalism is one of the main challenges and obstacles to the proposal of the outgoing synodal Church. It is not an individual problem, but of a structural, cultural and ecclesial nature, rooted in a distorted understanding of authority and sacredness, which affects the experience of synodality and mission, by threatening the ecclesial reforms promoted by Francis.

Keywords: Francis; Church which goes forth; Synodality; Clericalism.



1. Introdução

O legado do Papa Francisco expressa nas exortações apostólicas, bem como nas encíclicas e discursos catequéticos, a base para uma Igreja sinodal em saída, missionária na própria natureza, de portas abertas e fundamentada na sinodalidade como estilo eclesial, em meio a intensos antagonismos políticos, sociais e eclesiais como o é o clericalismo, empecilhos para a missionariedade e sinodalidade. Diante desse contexto, como pensar a proposta do Papa Francisco de uma Igreja sinodal em saída, diante do clericalismo, empecilho estrutural para a missão e renovação eclesial? Será que o maior obstáculo à Igreja do pontificado de Francisco é o clericalismo?

O Papa Francisco, em seu magistério, retoma a essência missionária da Igreja. Na Exortação Apostólica ***Evangelii Gaudium***) estabelece o paradigma missionário que orienta o seu pontificado: “a saída missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG,, 15). Chama para romper com a autorreferencialidade e as estruturas que não favorecem a missionariedade, com uma atitude de proximidade, misericórdia e acolhida, saindo às periferias geográficas e existenciais, a partir dos pobres como sujeitos. Na Encíclica ***Fratelli Tutti*** (FT) enfatiza a fraternidade universal como eixo fundamental da ação eclesial. A imagem da Igreja de portas abertas traduz-se em uma atitude concreta de diálogo, escuta e acolhida, capaz de promover uma cultura do encontro que ultrapassa fronteiras religiosas, culturais e sociais. Por sua vez, a Exortação Apostólica ***Querida Amazônia*** (QA) oferece uma expressão concreta da sinodalidade como caminho eclesial. Valoriza a escuta dos povos originários, das culturas e o protagonismo das Igrejas locais, propondo novos caminhos para a evangelização.

O presente ensaio tem como finalidade analisar o projeto de uma Igreja em saída e sinodal diante do antagonismo do clericalismo, compreendido como um entrave estrutural, à luz do magistério do Papa Francisco. Parte-se da perspectiva de uma renovada conversão missionária da Igreja, buscando indicar caminhos para a superação do clericalismo a partir da prática sinodal e do compromisso missionário. O clericalismo não se constitui apenas de questões paralelas ou circunstanciais, mas de antagonismos estruturais que desafiam a Igreja em seu próprio modo de ser, tendo como horizonte a Igreja em saída.

2. O clericalismo como antagonismo missionário e sinodal

O clericalismo foi um dos grandes empecilhos enfrentados no Pontificado de Francisco, embora não seja o único. O criticou com palavras duras, não apenas como um problema disciplinar, mas como uma mentalidade, uma forma de viver, em que o poder, o status e a autorreferencialidade da instituição estão acima da missão e do serviço. Ele denunciou fortemente o clericalismo como uma das maiores tentações da Igreja atual; incompatível com o Reino de Deus, que compromete o testemunho e a credibilidade, entrava a ação missionária e sinodal e em casos mais graves, com os abusos de poder e consciência.

O Clericalismo constitui uma das maiores ameaças à missionariedade e sinodalidade da Igreja. Corrompe a identidade do ministério ordenado, fragiliza a comunhão e impede o dinamismo missionário. Vai na contramão do magistério do Pontificado de Francisco, que insiste na necessidade de uma Igreja pobre, servidora, sinodal e de portas abertas, capaz de banir toda forma de poder sacralizado e de promover a participação real do Povo de Deus. Superar o clericalismo é condição indispensável para que a Igreja viva a alegria do anúncio do Evangelho e testemunhe, com autenticidade, a misericórdia de Cristo no mundo (Villasenor, 2023, p. 95).

De acordo com Bouvard (2023), o clericalismo começou a se consolidar entre os séculos II e III. Considerando-se como o novo povo eleito, a Igreja passou a retomar atributos do sistema hierárquico que governava o povo judeu, estruturando-se como uma casta sacerdotal sagrada que detinha o poder religioso sobre os fiéis. Essas mudanças foram reforçadas nos primeiros concílios de Niceia (325) e Constantinopla (381). As posições clericais seriam ainda mais fortalecidas durante o Concílio de Trento (1542). Entretanto, a segregação hierárquica entre clérigos e leigos aparece de forma mais explícita na Encíclica *Vehementer Nos* do Papa Pio X, em fevereiro de 1906:

A Igreja é, por sua natureza, uma sociedade desigual, ou seja, uma sociedade formada por duas categorias de pessoas: os pastores e o rebanho, aqueles que ocupam um grau entre os da hierarquia e a multidão dos fiéis. E essas categorias são tão claramente distintas umas das outras que somente no corpo pastoral é que residem o direito e a autoridade necessários para promover e orientar todos os membros para as finalidades sociais; e a multidão não tem outro dever senão deixar-se guiar e seguir, como um dócil rebanho, os seus pastores.

O Papa Francisco denunciou fortemente o clericalismo de maneira clara, dura e direta como uma das patologias que afetam a vitalidade missionária da Igreja. Ele se expressa como uma lógica de poder, superioridade e distanciamento que compromete a credibilidade missionária. Francisco afirmou que “o clericalismo, que não é só dos clérigos, é um comportamento que diz respeito a todos nós: o clericalismo é uma perversão da Igreja” (Erpen, 2018) e sua presença provoca “contratestemunho” no anúncio do Evangelho.

A Associação dos Padres Católicos dos Estados Unidos (2019) descreve o clericalismo como a expectativa de que os clérigos sejam “melhores do que qualquer outra pessoa do Povo



de Deus". Tal mentalidade produz a convicção de que o clero não deve ser questionado, favorecendo abusos e autoritarismos. Segundo Beretta (2019), muitos ministros "veem-se como senhores do feudo, com títulos de nobreza e regalias". Entretanto, o Papa Francisco identifica no clericalismo uma forma de mundanismo espiritual, olha de cima e de longe, rejeita a profecia e vive obcecado pela aparência. (EG, 97)

O clericalismo é antagônico à sinodalidade e missão ao criar estruturas e comportamentos antievangélicos. Para Francisco (2018), "os leigos, o clero e a Igreja, todos sofrem com a cultura do clericalismo, que distorce as relações humanas e corrompe o corpo de Cristo". Entre os efeitos missionários negativos, destacam-se a exclusão dos leigos das decisões e processos pastorais (EG, 103); o excesso de formalismo nas celebrações, com foco na aparência, no prestígio de autorreferencialidade, no mundanismo espiritual (EG, 95), que reduz a escuta e impede o discernimento comunitário; infantilização dos leigos, dependentes da figura sacerdotal; bloqueio da ação evangelizadora e da corresponsabilidade batismal. "Os leigos são infantilizados, estimulados a pedir bênção e a beijar a mão do padre, receber a comunhão na boca, de preferência de joelhos, cobertos com o véu da vergonha" (Pereira, 2025, p. 251). Uma Igreja presa ao clericalismo perde "a força missionária" (EG, 109) e se torna incapaz de anunciar o Evangelho com alegria.

A Igreja não está sobre o mundo, isto é clericalismo, a Igreja está dentro do mundo, para fazer fermentá-lo, como fermento na massa. Por isso, caros irmãos e irmãs, seja cancelada toda forma de clericalismo ... não tenha expressão em vocês comportamentos que se julgam importantes, arrogantes ou prepotentes... Também o carreirismo e o familismo são inimigos a serem vencidos, pois a sua lógica é a do poder, e o padre não é homem do poder, mas do serviço (Francisco, 2018).

A cultura clerical, muitas vezes, se enraíza na formação presbiteral. Os processos formativos, mesmo longos, podem reforçar estilos de vida distantes do povo, acentuar a romanização e cultivar uma identidade separada, sustentada por uma visão elitista do ministério. Carneiro (2022, p. 581) observa que muitos seminários formam ministros para administrar paróquias como feudos, sacramentos como privilégios e doutrina como moralismo rígido. O resultado é uma espiritualidade legalista, que valoriza mais a formalidade da misericórdia. Essa tendência é confirmada pela pesquisa de Brighenti (2021), que evidencia um perfil mais clerical, autoritário e estético entre muitos "padres novos", provocando tensões nas dioceses e bloqueios nos processos pastorais. De acordo com Pereira (2025, p. 250), ademais da estética pré-conciliar, com vestes exuberantes, o clericalismo se manifesta também "nas ações autoritárias com os leigos e leigas que coordenam as comunidades, pastorais sociais e movimentos eclesiais".

O clericalismo não é apenas um comportamento individual; trata-se de uma cultura religiosa e de um vício estrutural. Segundo Beretta (2019), ele ambiciona "construir uma aristocracia no Povo de Deus", negando o primado da consciência, bloqueando a leitura dos sinais dos tempos e imobilizando a tradição. Vício que compromete a sinodalidade quando paróquias e dioceses ignoram conselhos pastorais e econômicos, administrando-se sob um modelo solitário de governo. Expressa-se na centralização do poder; no uso do "sagrado" como instrumento de dominação; na exclusão dos lei-



gos da ação missionária e sinodal (EG, 102); na resistência à conversão pastoral (EG, 27). Por isso o Papa Francisco afirma que “toda forma de clericalismo deve ser banida”, pois impede que a Igreja seja fermento na massa.

O magistério do Papa Francisco chama para uma conversão pastoral missionária que exige abandonar o critério do “sempre se fez assim” e repensar estruturas, métodos e mentalidades (EG, 33). Quer um clero formado por pessoas misericordiosas, capazes de inserção missionária e pastoral no mundo dos feridos e pobres, revisando as práticas que não comunicam mais o Evangelho (EG, 43). Sonha com presbíteros próximos do povo, sensíveis às dores humanas e testemunhas da misericórdia (EG, 24). O pastor que busca privilégios, status e isolamento contradiz o Evangelho e enfraquece a missão. A Igreja é ministerial, não clerical, e os carismas são dons do Espírito Santo para a edificação do Povo de Deus, não privilégios. Uma Igreja missionária deve sair às periferias, aproximar-se dos pobres e reduzir o ritmo para ouvir e acompanhar (EG, 46). Nesse sentido é preferível “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas” a uma Igreja fechada e auto-centrada (EG, 49).

3. Sinodalidade como antídoto do clericalismo

A sinodalidade se configura como antídoto ao clericalismo, mas não de maneira automática; exige um autêntico caminho de conversão. Pode ser um remédio na medida em que se supera a autorreferencialidade, entendida como privilégio e se transforma em serviço; quando se promove a escuta do Povo de Deus e não apenas se fazem consultas formais ou burocráticas; quando se desloca o eixo do poder do “decidir sozinho” para o discernimento de caminhar juntos; quando se reconhece que todo o Povo de Deus participa da missão da Igreja, e não apenas é vista como exclusividade do clero. Porque “na Igreja, as funções não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros” (EG, 104).

O Papa Francisco (2021) afirma que “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”, palavras que sintetizam o horizonte fundamental de seu pontificado, uma Igreja que caminha unida, escuta o Espírito e discerne coletivamente os caminhos da missão. Em sua visão, “Igreja e Sínodo são sinônimos, pois a Igreja não é outra coisa senão o caminhar juntos do Povo de Deus” (Francisco, 2015). Portanto, a sinodalidade não é apenas um método, mas uma forma de ser e viver a fé em comunidade. Exige uma nova maneira que permita renovar estruturas, mentalidades e práticas pastorais, tornando possível uma verdadeira conversão missionária.

Ao longo da história a Igreja teve diferentes modelos eclesiais. O primeiro milênio era um período fecundo de pluralidade teológica, “um tempo no qual as Igrejas locais floresciam segundo suas próprias tradições, em comunhão, mas com grande diversidade” (Francisco, 2015). O segundo milênio caracterizou-se por crescente centralização eclesial, a reforma gregoriana e o Concílio de Trento desempenharam papel decisivo ao produzirem “uma Igreja mais homogênea na liturgia, na disciplina e na teologia” (Francisco, 2019). A criação de estruturas como paróquias e seminários foram instrumentos fundamentais dessa uniformização. A recepção do Concílio Vaticano II, espe-



cialmente por meio da *Lumen Gentium* (LG), reacende a compreensão da Igreja como Povo de Deus. Francisco retoma essa intuição conciliar e afirma que é preciso “pensar um novo modelo institucional” para o terceiro milênio, que seja fiel ao Evangelho e capaz de responder aos desafios missionários atuais.

A sinodalidade é constitutiva da identidade eclesial, pois “uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta” e ainda “é uma escuta recíproca, na qual cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio episcopal, Bispo de Roma: cada um ouvindo os outros, e todos ouvindo o Espírito Santo” (Francisco, 2015). O Sínodo não tem caráter parlamentar, Francisco (2021) afirma: “reitero que o Sínodo não é um parlamento, o Sínodo não é uma investigação sobre opiniões; o Sínodo é um momento eclesial, o protagonista do Sínodo é o Espírito Santo”. Essa advertência ajuda a compreender que o cerne da sinodalidade é espiritual e missionário, não meramente organizacional ou sociológico.

A sinodalidade e missão são duas dimensões interdependentes: “a Igreja não é apenas sinodal, mas também missionária; só é missionária se for sinodal, e só é sinodal se for missionária” (Francisco, 2021). Dessa forma, a missão não pode ser reduzida a iniciativas pontuais ou estratégias pastorais isoladas, mas deve ser expressão de uma comunidade que vive a comunhão e o discernimento. Nesse sentido, a escuta é o elemento que integra sinodalidade e missão. Segundo o Papa, “escutar não é o mesmo que ouvir”. Escutar implica atenção espiritual, abertura interior e disponibilidade para ser transformado. “É escutar a Deus até ouvir com Ele o clamor do povo; é escutar o povo até respirar nele a vontade a que Deus nos chama” (Francisco, 2015). A missão nasce da escuta e do discernimento comunitário. Francisco, em seu legado, declara desejar uma Igreja “próxima das pessoas”, capaz de testemunhar misericórdia e construir vínculos, especialmente com os que se encontram nas periferias (EG, 46).

O pontificado do Papa Francisco deixou um rico legado missionário eclesial que coloca a sinodalidade no centro da identidade e da missão da Igreja. Um caminho espiritual, pastoral e institucional, que exige conversão pessoal e comunitária, pois o caminho sinodal enfrenta desafios e resistências, mas contém um potencial transformador capaz de renovar estruturas, mentalidades e práticas pastorais. A sinodalidade representa uma das contribuições mais significativas do pontificado de Francisco para a vida da Igreja. Porém, “o processo sinodal não termina com o fim da atual Assembleia do Sínodo dos Bispos, mas inclui a fase de implementação” (Sínodo, 9).

O processo sinodal continua enfrentando vários desafios, pois há “setores eclesiais que resistem ao caminho sinodal por medo de perder segurança doutrinal ou posições de poder” (Francisco, 2019). Essas resistências revelam não apenas divergências teológicas, mas tensões culturais e políticas dentro da própria Igreja. O Relatório de Síntese destaca também a crise institucional contemporânea: “A conjuntura atual é marcada por desconfiança generalizada, crises éticas e polarizações que afetam inclusive as comunidades cristãs” (Sínodo dos Bispos, 2023, p. 7). Evidenciando a urgência de maior transparência, participação e prestação de contas. As reformas reais exigem coragem espiritual: “Devemos caminhar pela estrada da sinodalidade” (Francisco, 2021). O caminho é exigente, mas indispensável para a renovação missionária da Igreja.





4. O legado de Francisco, uma Igreja em saída

Francisco vê o clericalismo como um dos maiores males da Igreja, pois sufoca a missão, apaga o Espírito e trai a lógica do Evangelho, por isso é necessário sair de si e ir ao encontro (EG, 24). No seu magistério, retoma a essência missionária da Igreja a partir da Igreja em saída, de portas abertas para todos, propondo uma conversão pastoral e missionária (EG, 25), em que todas as estruturas eclesiais se tornem mais missionárias, em atitude constante de saída (EG, 27). Se a Igreja inteira assume esse dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. Mas, a quem deveria privilegiar? (...) os pobres e os doentes, aqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos” (EG, 48). Para Francisco Evangelizar significa aproximar-se dos pobres, romper com estruturas arcaicas, encarnar-se na realidade e deixar-se ferir pelas fragilidades humanas. A missão exige ousadia, criatividade e constante discernimento, para que a Igreja continue respondendo com fidelidade ao mandato de Cristo que realiza o processo da inculturação como “caminho difícil, mas necessário” (QA, 69).

“A Igreja em saída é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido” (EG, 46). Trata-se de uma decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar todos os povos (EG, 261). O que significa um caminho de conversão pastoral e missionária que não pode deixar as coisas como estão (EG, 25). É a conversão permanente para viver o Evangelho, marcada pela proximidade, misericórdia e coragem profética. Assim, a missão se torna verdadeira expressão da “alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária” (EG, 21).

A Igreja deve chegar até os afastados e excluídos, assumindo a atitude de um pastor que sente o cheiro das ovelhas (EG, 24), tendo uma proximidade simples e misericordiosa (EG, 31). Que escute a “sabedoria ancestral, voltar a dar voz aos idosos, reconhecer os valores presentes no estilo de vida das comunidades nativas, recuperar a tempo as preciosas narrções dos povos” (QA, 70). O que significa que estar próximo não é opcional, mas uma característica da missão. O encontro com os pobres e os que sofrem torna-se o espaço privilegiado para discernir a presença de Cristo, cuja encarnação se prolonga em cada pessoa marginalizada (EG, 209), porque “sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt 25,40).

A Igreja em saída do Papa Francisco é “uma Igreja pobre para os pobres” (EG, 198), que denuncia um sistema econômico injusto em suas raízes (EG, 59), que faz a opção de ser bom samaritano ao largo do caminho do pobre caído (FT, 69). Assim, missão possui inseparavelmente uma dimensão espiritual e sociopolítica transformadora, que denuncia um sistema econômico que mata (EG, 53) e produz descartes, a missão sem a opção pelos pobres perde credibilidade. Portanto, evangelizar implica promover a vida plena para todos, por meio da “cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos” (EG, 188).



A missão exige coragem para sair, ainda que gere insegurança. Francisco expressa sua preferência por “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, 49). Sair origina riscos, enfrentar conflitos, caminhar em terrenos difíceis, errar. Porque a missão não é um caminho fácil, seguro e sem dificuldades. Uma Igreja ferida por causa da missão é aquela que dá testemunho do amor de Deus por todos. O fechamento gera rigidez e autoritarismo, voltada para si mesma como autorreferencialidade (EG, 95). Por isso, é necessário “sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas, não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido” (EG, 46). O legado missionário de Francisco retoma a essência missionária da Igreja, uma Igreja em saída para chegar a todos, na mesma medida em que todos possam reconhecer-se missionários, anunciadores da Boa Nova (Silva; Villasenor, 2025, p. 106).

A Igreja em saída precisa colocar toda a pastoral em chave missionária, o que exige o abandono do cômodo critério pastoral: “fez-se sempre assim. uma conversão pastoral e missionária que não permite deixar as coisas como estão” (EG, 33), ser ousados e criativos, repensando os objetivos, estruturas, estilos e métodos evangelizadores. Trata-se de discernir quais costumes históricos já não comunicam o Evangelho de modo eficaz (EG, 43). Reformar estruturas não é um capricho administrativo, mas uma exigência missionária, porque tudo na Igreja deve tornar-se mais missionário, mais aberto e mais simples.

A missão implica movimento “a dinâmica do êxodo e do dom de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além” (EG, 21), pois “sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem” (EG, 87), porque o perigo do fechamento individual, em si mesmo, caindo no clericalismo “provoca o veneno amargo da imanência” (EG, 87). O egoísmo mata a vida missionária e reduz a Igreja a uma instituição ensimesmada. Portanto, o legado do Papa Francisco promoveu sempre uma Igreja missionária, aberta, dialogal e próxima dos pobres.

5. Identidade missionária da Igreja

A cultura do clericalismo concebe uma Igreja voltada para si mesma. A Igreja missionária, ao contrário, impulsiona a sair de si e a ir ao encontro do outro, pois a missão não é algo secundário ou opcional, mas constitui a própria essência e natureza da Igreja (AG, 2). Em outras palavras, quanto mais a Igreja assume a missão, menores são os espaços que existem para o clericalismo; também, inversamente, quanto mais o clericalismo cresce, mais a missão e a ação pastoral se enfraquecem.

Ao revisitar o documento *Ad gentes*, percebemos que a natureza missionária da Igreja tem sua origem na própria Trindade, isto é, em “Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo” (AG, 2). A Igreja existe para evangelizar (EN, 24), não para se autopreservar ou transformar-se em sistema autorreferencial caindo no clericalismo. Pois a missão precede a Igreja e a fundamenta ontologicamente. Portanto, a missão encontra sua origem e fundamento no mistério da Trindade. O Pai é a fonte de toda a missão; o Filho é o enviado por excelência, que inaugura o Reino de Deus; e o Espírito Santo impulsiona, sustenta e atualiza a missão na história. Portanto, Deus é missionário, cuja vontade salvífica universal se expressa no



desejo de que “todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). Nesse horizonte, a missão não é uma atividade da Igreja, mas um atributo de Deus, assim, “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária” (AG, 2), deslocando a missão do âmbito funcional para a identidade eclesial. A missão deixa de ser compreendida como uma atividade e passa a ser reconhecida como essência da Igreja.

O missiólogo David Bosch (2002, p. 518), afirma que “a missão não é primariamente uma atividade da Igreja, mas um atributo de Deus”. De modo semelhante, Jürgen Moltmann (2013, p. 21) sustenta que “não é que a Igreja tenha uma missão de salvação a cumprir no mundo; é a missão do Filho e do Espírito, por meio do Pai, que inclui a Igreja”. Assim, a atividade missionária não é apenas uma ação da Igreja, mas a própria Igreja em ação. A missão não acontece em momentos isolados ou como atividades, mas constitui uma expressão permanente da vida eclesial na sua essência.

A finalidade última da Igreja não é ela mesma, mas o Reino de Deus, compreendido como Reino de justiça, solidariedade, misericórdia e paz. A missão está a serviço da vida plena querida por Deus, ultrapassando fronteiras geográficas, étnicas e culturais, e alcançando contextos concretos e regionais (Suess, 2025). Portanto, a missão não tem como finalidade a expansão institucional da Igreja, nem fazer proselitismos, mas o anúncio do Reino de Deus revelado em Jesus Cristo, enviado do Pai.

Jürgen Moltmann (2013) chega à conclusão de que não é a missão que procede da Igreja, mas o contrário, a Igreja que procede da missão de Deus. Portanto, a missão é anterior à eclesiologia; neste sentido, não se pode compreender a Igreja fora do horizonte da missão de Deus, porque “o ser da missão é o próprio agir de Deus na história” (AG, 9). A atividade missionária não é uma ação entre outras, mas a própria Igreja em ação. A Igreja é missionária porque Deus é missionário; sua identidade nasce do envio trinitário e se realiza na participação ativa no agir salvífico de Deus na história.

A Igreja é missionária ou simplesmente não é Igreja, convicção que expressa que a missão constitui a própria identidade eclesial e não uma atividade secundária. A missão não se limita a tempos ou espaços específicos, mas define a existência da Igreja ao longo da história. A identidade da Igreja se compreende totalmente a partir da missão. Ser Igreja é participar do movimento de saída de Deus em direção ao mundo, testemunhando o Evangelho na diversidade das culturas e vivendo a missão como expressão concreta de uma Igreja sinodal e em permanente conversão (Suess, 2025).

6. Considerações finais

O clericalismo constitui uma barreira para a sinodalidade e missionariedade, pois contradiz a natureza missionária, batismal e sinodal; dificulta a corresponsabilidade do laicato, favorece o fechamento institucional, desvia o testemunho evangélico, enfraquece a ação missionária e participação sinodal. A superação do clericalismo exige uma profunda conversão pastoral, missionária e sinodal, que promova uma Igreja em saída, pobre com os pobres e comprometida com a missão universal, na qual todo batizado é sujeito da missão. A Igreja

sinodalidade e missionária é constituída na escuta, discernimento comunitário, valorização dos diversos carismas e ministérios. Uma Igreja sinodal é missionária, pois sinodalidade e missão são duas caras da mesma moeda.

A sinodalidade pode ser um dos antídotos para a superação do clericalismo e centralização excessiva, favorecendo uma Igreja que caminha junto, na diversidade de ministérios, carismas e vocações, em fidelidade criativa ao Evangelho. A missionariedade está intrinsecamente ligada à sinodalidade, compreendida não apenas como um método, mas como um modo de ser e agir da Igreja. A sinodalidade implica a participação do Povo de Deus na escuta, no discernimento e na corresponsabilidade pela missão evangelizadora. Todavia, essa dinâmica encontra resistências no interior da Igreja, sobretudo nas práticas e mentalidades clericalistas, que tendem a concentrar o poder, reduzir a participação dos leigos e fragilizar a comunhão e a missão. Porém, a sinodalidade não pode ser um processo burocrático, sem uma conversão pastoral missionária, em que a escuta existe, mas as decisões já estão tomadas, em que a participação dos leigos é vista como concessão, não como corresponsabilidade.

A Igreja em saída não é uma estratégia proselitista, mas uma conversão eclesial missionária, que recoloca a missão no centro da vida da Igreja. Trata-se de uma Igreja que sai de si e vai ao encontro das pessoas, especialmente dos pobres, caminhando de modo sinodal e se deixando interpelar pelos sinais dos tempos, permanecendo fiel ao Evangelho e aberta à ação do Espírito. A Igreja em saída é o chamado para o abandono da pastoral de mera conservação, assumindo uma postura missionária, dinâmica e encarnada na realidade concreta do povo, como a abertura a uma reforma eclesial permanente.

A missão é o elemento essencial identitário eclesial, pois a Igreja é, por sua própria natureza, missionária, portanto, a missão não é uma atividade da Igreja, mas a razão de ser da própria Igreja, que procede da missão de Deus e participa do agir salvífico trinitário na história. Deus é missionário e a Igreja participa da mesma missão, não como executora de atividades, mas como expressão viva da missão divina. Assim, a missão não é uma ação entre outras, mas a essência da Igreja, que existe para servir ao Reino de Deus. Ser Igreja é participar do agir salvífico de Deus na história.

7. Referências

BERETTA, Roberto. Clericalismo: uma doença mortal, em artigo publicado por *Vino Nuovo*, 30-03-2019. **UNISINOS** <https://www.ihu.unisinos.br/>. Acesso 06 de setembro de 2022. Tradução: Moisés Sbardelotto.

BÍBLIA. **Tradução da CNBB**. Brasília: Edições CNBB, 2002.

BOUVARD, Michel. O clericalismo vai enterrar o catolicismo? **NEWSLETTER IHU**. 13 janeiro, 2023. <https://www.ihu.unisinos.br/> Acesso: 13 de dezembro de 2025.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.



BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero: Perfil dos padres novos no Brasil**. São Paulo: Vozes, 2021.

CARNEIRO, Antônio. Formação presbiteral e clericalismo. **Revista de Teologia e Pastoral**, v. 58, n. 2, p. 581-586, 2022.

CONCÍLIO VATICANO II. **Ad Gentes**. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2012a.

CONCÍLIO VATICANO II. **Lumen Gentium**. Constituição dogmática sobre a Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2012b.

ERPEN, Jacson. Papa: clericalismo é uma perversão da Igreja. Disponível; www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/ Acesso 21 de dezembro de 25

FRANCISCO, Papa. **A coragem de reformar**. Vaticano, 2019. (Discursos diversos).

FRANCISCO, **Discurso ao clero, religiosos e seminaristas**. Palermo, 2018. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2018/september/documents/papa_francesco_20180915_visita-palermo-clero.html Acesso 18 de dezembro 2025.

FRANCISCO, Papa. **Discurso de abertura do Sínodo sobre a Sinodalidade**. Vaticano, out. 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 20 de dezembro de 2025.

FRANCISCO, Papa. **Discurso na comemoração dos 50 anos do Sínodo dos Bispos**. Vaticano, 17 out. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 20 de dezembro de 2025.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium, a Alegria do Evangelho**. São Paulo: Paulinas 2014.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti, sobre a fraternidade e Amizade Social** Brasília: Edições CNBB 2020.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem ao Povo de Deus no Chile**, 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 21 de dezembro de 2025

FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia**. Brasília: Edições CNBB 2020.

FRANCISCO, Papa. **XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos**. Documento final do Sínodo dos Bispos - Por uma Igreja sinodal Comunhão, Participação, Missão. São Paulo: Paulus, 2024.

MARQUES, L.F. C. Pandemia e clericalismo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 82, n. 323, p. 569-590, Set/Dez. 2022.

MOLTMANN, Jürgen. **A Igreja no poder do Espírito**. São Paulo: Academia Cristã, 2013.



NATIONAL CATHOLIC REPORTER. É preciso enfrentar o clericalismo antes de tentar reformar o sacerdócio. **UNISINOS** <https://www.ihu.unisinos.br/> Acesso: 13 de agosto de 2019. Tradução: Moisés Sbardelotto.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***, São Paulo: Paulus, 1977.

PEREIRA, William C. C. **A ideologia da vergonha e o clero do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2025.

PIO X, Papa. **Encíclica *Vehementer Nos***. Fevereiro de 1906. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso 21 de dezembro de 2025.

SILVA, Sheiliane, S. L.; VILLASENOR, Rafael L. Magistério do Papa Francisco: por uma Igreja em saída. **Revista Missão & Culturas**, v. 1, n. 2, p. 103-111, 2025. Disponível em: <https://revista.pom.org.br/index.php/ojs/article/view/24>. Acesso em: 21 de dezembro de 2025.

SÍNODO DOS BISPOS. **Relatório de Síntese da XVI Assembleia Geral Ordinária**. Vaticano, 2023. Documento PDF.

SUESS, Paulo. **Teologia da Missão. Convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino**. Petrópolis: Vozes 2025.

VILLASENOR, Rafael L. A missão do presbítero religioso e o clericalismo. **Revista Convergência**. Ano 68, n. 540. p 85-98, março-abril 2023.

Recebido: 15 de janeiro de 2026

Aceito: 12 de março 2026